

C. M. B.
BIBLIOTECA

BOLETIM SOCIAL

DE TRABALHADORES DA TEBE PARA TRABALHADORES

Director Honorário: MÁRIO CAMPOS HENRIQUES

Redacção e Administração: Campo 5 de Outubro. 39 - Rlc

Composto e Impresso na Tipografia «VITÓRIA» - BARCELOS

Editor: João Baptista Cândido da Silva

Director e Administrador ANTÓNIO BAPTISTA

Redactores: Joaquim Rodrigues e Eduardo A. da Silva

Barcelenses na Índia

SÉCULO XVI

Breves apontamentos geneológicos e biográficos

Por ANTÓNIO BAPTISTA

BARCELOS, mercê dum passado cheio das mais altas tradições e ciosa dos seus pergaminhos, merece bem que lhe dediquemos o mais acendrado carinho estudando-a ao longo dos séculos e erguendo do limbo do esquecimento tudo que possa ainda torná-la mais admirada.

Quando dela encontrarmos algo de novo ou pouco divulgado, que traga luz aos estudiosos, não devemos regatear a sua difusão; mas antes temos obrigação intelectual de fomentar o seu estudo para bem de Barcelos, para orgulho da sua história e, ainda, para honra de Portugal.

Embora ao correr da pena e sem metáforas de retórica, limitamo-nos a dar a público o nome daqueles que, irmanados por um sentimento alto de patriotismo, aliado à aventura, em pleno século XVI, largaram de Barcelos e, rumo ao mar, aportaram à Índia deixando ali o valor de uma cultura e civilização... que o tempo não consegue estiolar ainda.

Como o espaço de que dispomos para este artigo é bastante limitado, terminaremos com os nomes desses barcelenses de antanho, que foram:

«Baltazar do Rego, escudeiro, criado do Conde de Castanheira, filho de Fernão Roiz e de Tareja do Rego, todos de Barcelos. Foi em 1537 como escrivão da Nau S. Deniz, de que era capitão Francisco de Moraes».

(Continua na página 6)



O CÁVADO

Passeando nas margens do Cávado o poeta António Fogaça, pleno duma espontaneidade invulgar, descreve-nos assim o rio:

*Passa na minha terra o Cávado: é sombrio,
profundo e cismador; e dizem que este rio
tem arrastado à morte envoltos na corrente
muitos dos que ali vão banhar-se. Francamente,
não me veio à lembrança o que por hi ouvia,
quando eu e João fomos, num certo dia,
descansar dum passeio à margem, sobre a areia.
Tinha vasado há pouco uma ruidosa cheia.
Tristonha foi caindo a tarde, e no apogeu
a merencória lua entristecia o céu,
lançando-nos de longe um como olhar de Esfinge!
Ora, a vida ideal, que a Juventude cinge,
quase sempre nos abre a boca dum abismo
que eu chamo — Não pensar —, e tem de magnetismo
o que mais nos atrai no ponto onde a Desgraça
conduz, enganadora, os olhos de quem passa
tendo o p'riço eminente.*

*Assim nos seduzira a múrmura torrente.
Enfim, sem reflectir, lançámo-nos a nado,
quando logo em seguida a termos mergulhado
no Penedo do Enxofre — um poço do demónio —,
me pareceu ouvir distintamente: « António,
acode-me que eu morro... » E vi que meu irmão
descia na corrente a batalhar. Então,
num grito de ave ferida em meio dum deserto,
eu corri a salvá-lo. A terra estava perto
e consegui trazê-lo a mim pelos cabelos,
arremessando-o à margem*

O Slogan do Mês

As malhas **TEBE** continuam no apogeu... porque além de perfeitas, cómodas, elegantes e de grande duração são confeccionadas em Portugal e vestem a Nação.

Um produto que honra a indústria nacional.

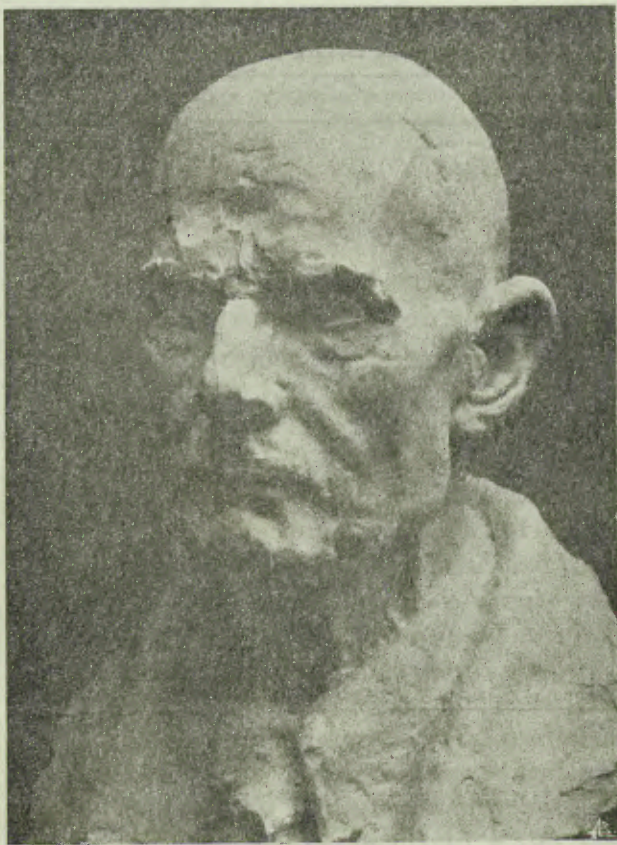
SECÇÃO LITERÁRIA

FIGURAS, TIPOS e COISAS

de AUGUSTO SOUCASAUX

O livro de Augusto Soucasaux, embora escrito sem a preocupação doutrinária e estilista e, até, a de criar beleza, merece, pelo menos, o carinho e respeito de ter sido escrito por um venerando barcelense, a todos os títulos credor da simpatia colectiva do meio.

ETC. não é uma obra vincadamente literária, mas tão somente um feixe de recordações aureoladas de episódios mais ou menos jocosos e que despertam, naturalmente, uma certa aceitação aos barcelenses em geral e, em particular, aos que vivem dispersos nas mais longínquas paragens do globo.



Busto de A. Soucasaux

É que o autor, aos 85 anos, ainda conseguiu legar da sua memória algumas facetas das distantes horas de boa e sã comunicação espiritual, que outrora, em amena conversa, ciosamente guardara.

As anedotas, que muitos apreciam, os comentários alusivos a figuras locais, que outros conheceram, foram contados por Soucasaux talvez sem aquela limpidez cheias de interessante humorismo.

Se é certo que a obra tem bastantes limitações, elas são, de certo modo, filhas da avançada idade do homem que as escreveu. Augusto Soucasaux não queria deixar o mundo sem lhe legar uma parcela do seu espírito e, em particular, de fazer o juramento público de muito ter querido e amado este torrão verdejante à beira-Cávado plantado.

Todas as sinuosidades do livro, todos os deslizes possíveis e, até, uma certa falta de homogeneidade que se nota em certos pontos no desenrolar da obra, são compensados pela chama bairrista do autor, figura típica do passado a remoçar ainda no presente. Dizer-lhe abertamente que gostei do livro todo seria mentir-lhe; afirmar-lhe que penso que a obra se transcenderá na universalidade do mundo intelectual seria trair-me, por estas razões (sinceramente auscultadas) creio que o livro, mesmo assim, representa e mantém uma série de esforços conjugados, aliados a uma memória bastante sensível e que revela um poder acumulativo de acontecimentos a todos os títulos respeitável e invulgar.

A série de pequenos capítulos formam um livro de memórias destinadas a barcelenses e a todos que queiram conhecer alguns episódios do Barcelos de há 50 anos.

Nota-se na parte final do trabalho maior cuidado na disposição dos assuntos e, por essa mesma razão, é aquela que mais satisfaz a minha curiosidade de leitor.

A. B.

Espadas da Idade do Bronze

Por A. B.

NAS cercanias de Pinhel e em toda a faixa Riba-Côa têm aparecido alguns exemplares interessantes de espadas de bronze e machados de bronze atlânticos.

Últimamente o «Janeiro» noticia o aparecimento de mais um destes exemplares em Vilar Maior e, anteriormente, anunciara também a descoberta de um outro em Castelo Bom.

No museu de Pinhel existem alguns exemplares interessantes, principalmente um que nos foi permitido observar e que apresenta anéis laterais, tratando-se portanto de um «palstave».

A corda raiana é próspera nestes machados principalmente as zonas abrangidas pelos concelhos de Pinhel, Sabugal e Almeida.

«A Idade do Bronze Peninsular desenvolveu-se ao longo de mais um milénio, tempo suficiente para se realizarem permutas em todos os sentidos capazes de confundirem os arqueólogos de hoje. A abundância no Noroeste de machados do tipo galaico-português de uma e duas aletas parece mostrar que surgiram independentes de qualquer ideia mediterrânica» (1).

Como a região da Riba-Côa é rica em minérios, quer de estanho, quer de cobre, nada pode contrariar o raciocínio que esses jazigos se utilizaram, pois não têm faltado elementos justificativos a prová-lo, como, por exemplo, o aparecimento de vários e interessantes moldes.

Seja como for, o que é certo é que ainda não foi bem estudado o clima dos vestígios de antigas explorações nas cercanias de Pinhel e, contudo, não muito longe da cidade têm sido encontrados alguns instrumentos ilucidativos que serviriam para maiores e mais desenvolvidas pesquisas sobre a existência de oficinas metalúrgicas nestas paragens.

No próximo número, se nos for possível, voltaremos a focar este interessante assunto.

(1) De Adriano Vasques Rodrigues.

O ENCONTRO

NO cais de embarque, junto ao vapor que estava prestes a largar, aglomerava-se grande quantidade de gente, de várias classes e condições. Nalguns rostos viam-se lágrimas, que revelavam o que dentro deles se passava, ao despedirem-se dos entes queridos que partiam.

Uma sirene, com o seu apito estridente, rasgou o espaço, assim como o coração de todo aquele povo.

O vapor, lentamente, afastou-se, deixando atrás de si um sulco produzido pela hélice nas águas verde-escuras. E da chaminé, saía uma grande quantidade de fumo, que se cruzava nos ares com as preces invocadas na doca, pedindo ao Santíssimo uma boa viagem para aqueles que se ausentavam.

O silvo agudo, que em todos os corações produziu uma revolta, originada unicamente pela saudade, repetia-se, chegando até aos cais, onde toda a gente permanecia firme, como num campo de batalha, até perderem de vista o barco, acenando sempre com lenços aos que se iam...

*

As gaiotas voavam, de um lado para o outro, no azul escuro do céu, ou descansavam no cimo dos mastros do paquete, dando gritos, os quais, conjuntamente com o barulho do mar

e das ondas carregadas de espuma, que se fragmentavam contra a embarcação, para logo a seguir se transformarem novamente, produziam uma certa nostalgia, oriunda de lugares que os passageiros tinham bem presentes na ideia.

Assim, José Manuel, debruçado no varandim do convés, absorto em pensamentos, fumando um cigarro e expelindo pequenas volutas de fumo para o ar, que a aragem desfazia, não dava pela aproximação de ninguém. Nem mesmo o roncar das máquinas, ou o barulho da hélice, sulcando o oceano, o impediam de recordar e ver, com os olhos do espírito, a sua pequena aldeia, onde passara os tempos de menino e moço e onde, todos os anos, na altura das férias, vivia despreocupado.

A sua aldeia!... Que saudades daqueles passeios através dos imensos campos de milho, plantados de delicado arminho que o vento move em lânguidas ondulações! Que saudade daquele murmurar melancólico da ribeira, ladeada de árvores, em cujas ramadas verdejantes os pássaros cantavam alegremente!

E ainda: as esfolhadas, com aqueles abraços e beijos «habituais», ao aparecer alguma espiga vermelha! O moínho, que muitas vezes, fugia de casa para lá ouvir o moleiro, que depois de lhe fazer umas festinhas no pescoço, recomeçava com as histórias do costume, principiando sempre, pelo «era uma vez»... Recordava também o tic... toc...

JOÃO GONÇALVES MARTINS

Um nome ao serviço das conceituadas águas
: Vidago, Melgaço & Pedras Salgadas :

Agente da conhecidíssima Companhia de Seguros

«A MUNDIAL»

Em frente à Estação do Caminho de Ferro — BARCELOS

Aniversários ESCUTISMO

Secção dirigida por Carlos Quinta e Costa

Fazem anos no próximo mês de MAIO os nossos seguintes companheiros:

DIA 1 — Maria da Glória Martins, Maria Augusta da S. Ferreira e Deolinda Gomes da S. Fernandes.

DIA 2 — José Joaquim Moreira Dias e Maria Manuela Fernandes de Castro.

DIA 3 — Maria Augusta Arantes da Silva e Maria Aida Torres Gomes.

DIA 4 — Domingos do Vale, Ana Mendes da Costa Borges, José Ferreira Peixoto de Carvalho e Maria Júlia Sequeira de Miranda.

DIA 6 — Manuel Quintela de Freitas.

DIA 8 — Rosa Gomes Ferreira e Eduardo Fernando M. Figueiredo.

DIA 10 — Diamantina Neiva Pereira, Maria Isabel Martins B. Mesquita, Conceição Pereira, Maria Zélia Figueiredo Pereira e Maria da Assunção Gomes Ferreira.

DIA 11 — Henrique José da S. Calheiros da Silva e Arminada de Azevedo Gomes.

DIA 12 — Joaquina Vieira Alves, Maria Deolinda M. Gonçalves, Maria da Conceição F. de Carvalho e Rosa de Jesus F. Cardoso.

DIA 13 — Manuel Miranda, Maria Lopes Martins e Beatriz Augusta da Silva Portela.

DIA 14 — Maria Amélia Rodrigues da Silva.

DIA 15 — Abraão de Jesus C. Martins.

DIA 16 — Maria Teresa Go-

mes de Sousa, Cezília Gonçalves de Brito e Maria da Conceição Oliveira Lopes.

DIA 18 — Maria Odete Miranda Alves e Alberto de Castro Pinto.

DIA 20 — Maria Alice Rodrigues Vilas Boas, Maria Beatriz de J. Gomes Ferreira e Fernanda Teixeira Verissimo.

DIA 21 — Maria de Lourdes Alves Simões e Maria Júlia de Oliveira Alves.

DIA 22 — Joaquina Faria de Oliveira.

DIA 24 — Manuel da Silva Pereira, Maria da Glória Fernandes Lopes e António de Jesus Lourenço Ramos.

DIA 25 — Maria do Carmo da C. Vilas Boas, Maria da Glória da Silva Gomes, Manuel Ferreira e Maria Angela Faria Dantas.

DIA 26 — Josefa Oliveira da Rocha, Amílcar Simões Carvalho, Maria Helena da Silva Martins, Manuel Casimiro P. Figueiredo e Maria do Sameiro Gomes Rodrigues.

DIA 27 — Maria da Silva Andrade, Maria da Conceição Machado Ribeiro e José Gomes Barros de Mesquita.

DIA 29 — Ana Madalena de Jesus, Maria Manuela Fernandes da Silva e Maria Adelaide Ferreira Araújo.

DIA 30 — Deluvina Correia Calheiros.

DIA 31 — Rosa Irene Martins de Sá e Maria do Carmo Ferreira Lopes.

Apresentamos os nossos sinceros parabéns.

cabedal entrelaçado, vendo-se os delicados e formosos pés. O abundante e rebelde cabelo loiro, dominado por um penteado artístico, levantava-se, às vezes, pela brisa, mostrando os seus fios amarelados. Mas esses faziam, com a juventude do rosto, certo contraste estranho, atraindo irresistivelmente a atenção de qualquer pessoa. Enfim, o brilho dos seus olhos demasiado azuis, davam-lhe uma adorável expressão de meiguice. A voz era doce, pura e vibrante; daquelas que retinam dentro em nós, para nunca mais se esquecerem...

Os dois, tinham sido colegas e namorados no Liceu. Mas a certa altura, por uns simples arufos, puseram términus a essas relações.

E agora, perante semelhante coincidência, olhavam-se, com um sorriso de alegria desenhado nos lábios, entre o céu e o mar, tentando dar à conversa a mesma originalidade e entendimento de outros tempos...

Sidónio Ferreira

(Continuação da página 6)

Assistiram a este acto solene os Snrs. Presidente e Vice-Presidente da Câmara Municipal, muitos antigos e os actuais escuteiros, suas famílias e pessoas amigas que com a sua presença abrilhantaram de modo inolvidável esta inauguração. Por fim um espectáculo de comédias ficou a perdurar como uma das facetas das muitas actividades dos escuteiros, tanto exploradores como caminheiros, do Corpo Nacional de Escutas de Barcelos.

Estes foram os principais factos sobre a história do Escutismo do Núcleo de Barcelos.

A memória sempre saudosa e querida dos que partiram para o Eterno Acampamento, aqui deixamos estas linhas.

Que o Grande Chefe os conserve no lugar dos Justos.

Paz às suas bondosas almas!...

Perspectivas para 1957

Continuamos na nossa tarefa de recolher elementos que, com relativa antecipação, vão sendo mais ou menos estruturados, com vista especialmente à comemoração do 1.º centenário do nascimento de Lord Baden Powell e da fundação do Escutismo no mundo.

Assim, além do que já informamos no nosso número anterior, podemos hoje informar os nossos leitores dos seguintes próximos eventos:

40.º Chingford Scout Group

Mais ou menos na ocasião em que se realiza em Inglaterra a concentração internacional escutista, denominada Jamboree do Jubileu, ou seja em Agosto próximo, visita Barcelos, uma patrulha de escutas ingleses, pertencentes ao 40.º Chingford Scout Group, ficando instalados na Sede do C. N. E., sem qualquer encargo para o Núcleo desta cidade.

Espera-se que tanto da parte dos nossos filiados, como por parte da população lhes sejam reservadas algumas atenções, muito embora os ingleses e muito especialmente os escuteiros, estejam habituados a cuidar de si, sem esperar que a comunidade os ajude, senão na parte indispensável.

Jamboree do Jubileu

Gostaríamos de poder já indicar quais os praticantes do Escutismo que de Barcelos se deslocam em Agosto próximo a Inglaterra para participarem no Acampamento Internacional denominado Jamboree do Jubileu,

Organização Corporativa

Para obras de reparação da sua sede, acaba de receber a Casa do Povo de Macieira de Rates, concelho de Barcelos, um subsídio da Junta Central das Casas do Povo na importância de 7.500\$00.

Sendo as sedes das Casas do Povo o centro de convívio dos trabalhadores rurais, as Entidades Superiores procuram assim, proporcionar-lhes o maior conforto.

A Casa do Povo de Carapeços, do concelho de Barcelos, promoveu a criação dum curso de educação de adultos naquela populosa freguesia, que já se encontra a funcionar desde 18 do mês findo com muita frequência de alunos.

A Casa do Povo de Pico de Regalados foi também concedido um subsídio na importância de 3.000\$00 para manutenção do Centro de Educação Familiar que funciona junto daquela Casa do Povo e cujos resultados se têm feito sentir com tanta eficiência no meio associativo do Organismo.

António Baptista

A Academia Portuguesa de Ex-Libris aprovou, na última reunião efectuada, a admissão do director deste «Boletim» como sócio correspondente.

Academia Portuguesa de Ex-Libris aprovada por despacho ministerial de 12 de Nov. de 1952

pois se comemora o centenário do nascimento do fundador do Escutismo Mundial, em Sutton Park. Foi escolhida a Inglaterra por ser a pátria de Lord Baden Powell.

Talvez no próximo número já possamos gostosamente indicar quais os escuteiros que acompanharão o Chefe do Núcleo de Barcelos, Dr. Manuel Faria.

Exposição comemorativa

Visitamos a exposição comemorativa do centenário do nascimento de Baden Powell, que esteve patente ao público de 11 a 20 de Março, em Braga.

De Barcelos deslocou-se uma camionete, com quase todos os filiados, alguns dirigentes, num total aproximado de 60 pessoas.

Foi de facto mais uma concentração escutista de que todos, mais ou menos aproveitaram.

(Continua no próximo número)

tic... toc... do moleiro, calçada acima, cantarolando, conjuntamente com o bater das patas do jumento nas lages, em direcção ao moínho. E o ruc... ruc... da mó, em volta dum eixo, que tangida pela água vinda de muito longe, andava no seu constante fadário...

Perante estes maravilhosos cenários que revivia, o seu espírito, estava totalmente extático, quando uma voz, que lhe não era desconhecida, um pouco receosa, balbuciou:

— José Manuel...

Voltou-se com rapidez. E admirado com tal encontro, tentou formular uma pergunta, com o mesmo realce, carinho e contentamento, como aquela que tão meigamente o chamava.

— Aqui, Maria Eduarda!?

O seu graciosíssimo corpo estava envolto num vestido branco de linho, tendo recortes vermelhos nos bolsos e enfeitado também com botões da mesma cor, deixando livre o pescoço e a nascente do busto. Calçava sapatos pretos, feitos com tiras de

M E D O

Por NATÁLIA NUNES

NO verão, desciam para a vessada ainda com o sol a doirar as cristas dos pinheiros, mas regressavam já de noite.

Primeiro, eram os irmãos mais velhos que faziam aquele serviço; depois que eles tinham deixado a terra e partido para a cidade, ele e o outro, o que lhe era pegado, é que tomaram conta das regas da Ribeira.

Para baixo ia tudo bem: os rapazitos atiravam pedradas das físgas ao passaredo, trepavam às pinhas e, chegados à vessada, ainda era uma brincadeira aquilo de acender as fogueiras por causa dos texugos vorazes que roíam as espigas. De uma vez até apanharam uma lontra de pêlo farto e luzidio, que venderam depois à fidalga de Torneiros. E, quando o calor apertava, desciam mesmo à Vouga e nadavam no açude até se sentirem frescos e lavados. O pior era que as horas fugiam e o sol, em se pondo, o escuro metia-se logo entre os pinheiros. E, com o escuro, aí vinha o medo. Medo dos lobos! É verdade que lá na terra há quantos anos não havia já memória de tais bichos... Mas, na serra de Manhouce e lá para as bandas do Caramulo... Portanto, um dia, podiam chegar até ali, aí não que não podiam...

Quando deixavam a frescura da vessada e começavam a trepar a encosta, o pensamento dos lobos ia já na mente dos rapazes. Enquanto andavam lá por baixo, de enxada na mão, também o medo dos lobos lhes vinha à ideia mas, nessa altura, era ainda um medo hipotético, o esboço de um medo que deviam vir a ter. No entanto, as feras, a aparecerem, podiam até ter aparecido ali mesmo, na Ribeira. Mas, os rapazes, determinavam para si mesmos que só haviam de começar a padecer de tal medo, precisamente depois que saíssem daquele lugar, de entre os ninhos e as videiras — um sítio familiar, à beirinha do rio, à hora do sol ainda cheio de verdes e de ecos das vozes dos moleiros do açude.

A verdade é que os rapazes quando iniciavam a escalada da ribanceira tinham já repartido o medo em várias fases. Primeiro, ao passarem à ponte do Cunhedo, imaginavam uma alcateia resfolegante, galopando pela encosta da Gralheira, na outra margem, numa carga louca, levantando rolos da poeira ressequida dos curros e fazendo rebolar calhaus à frente dos cascos das patas ágeis e trepidantes. E essa galopada prolongava-se, parecia até que os lobos galgavam sem destino, uma encosta que não tinha fim. Sòmente quando iam já longe, a marinhar pela ladeira, é que os rapazes pensavam que os lobos, a esse tempo, podiam estar precisamente a atravessar a ponte em grupo cerrado, lombeiras coladas, orelhas em riste e dentuça arreganhada. Até lhes parecia que ouviam a cascalhada das patas no lajedo do granito da ponte!

Só depois também, já no âmago do pinheiral, no emaranhado das árvores e da noite é que, cansados da subida, começavam a cuidar na hipótese de lhes aparecer, não uma alcateia, mas um só, um lobo só, surgindo de olhos fuzilantes no meio do carreiro ou saltando inesperadamente por de trás de alguma fraga...

Os rapazes trepavam com quantas forças tinham, a agarrarem-se aos troncos e às pedras. De vez em quando havia coisas, por entre as ramadas mais altas, que se agitavam com barulhos breves e abafados; de outras, pássaros — deviam ser pássaros — mudavam vertiginosamente de um poiso para outro ou batiam com violência o bico nos troncos, produzindo um ruído forte e seco que provocava nos rapazes o pressentimento da força que devia esconder-se naquela animalidade vivendo à solta num mundo todo seu; e, ao passarem em alguns sítios, era como se a temperatura se elevasse súbitamente e um bafo quente atravessasse o pinheiral de extremo a extremo; esmagavam insectos debaixo dos pés e aqueles estalidos rechinchavam-lhes vibrações convulsas de nojo e de horror. Todos os animais que por ali viviam, todas as árvores e todos os rochedos, mesmo os lobos que podiam vir, tudo lhes parecia, naqueles instantes, fazer parte de um terceiro mundo flutuante e mal condensado, imponderável, roçagante e fremente, interposto como uma atmosfera entre eles e a natureza verdadeira, maciça, firme, quieta e pesada. Os lobos, os próprios lobos que os rapazes temiam, naqueles momentos não eram de maneira nenhuma semelhantes ao que o Diamantino Tamanheiro trouxera uma vez morto, de Travassós. Esse, era um bicho autêntico, de corpo parecido com o dos outros bichos, de carne e de pêlo como os cães e os gatos. Mas, os lobos que naquelas noites podiam rondar pelos pinhais, eram lobos fabulosos, só olhos de fosforescências e dentuça lívida de arreganhos, hálito feroz a bafejar à distância as pessoas até o cerne da alma, espíritos de feras ululantes e possessas de uma ferocidade louca, sobrenatural... Vagas sombras projectavam-se-lhes aos pés, como ciprestes esguios... Estiravam-se, aquelas sombras, e desapareciam no vórtice do negrume que lhes ia sempre rebolando, à frente... Os rapazes caminhavam, transidos, no rasto do seu duplo fugitivo e, de quando em quando, atiravam os braços, como se quisessem palpar e agarrar os vultos que lhes dançavam, adiante...

Depois de muito subir, chegavam quase à Mina, à tal onde aparecia a alma do Gago que, havia cem anos, no tempo em que o avô dos rapazes era ainda um garoto como eles, ali tinha sido morto por um ferreiro malvado. Estar perto da Mina queria dizer que já tinham mais de metade do caminho vencido. Mas, os lobos, mesmo ali, ainda podiam aparecer. Um só que fosse, chegava para comê-los até aos ossos. Os rapazes avançavam pelo pinheiral, atentos às sombras e aos ruídos, sempre à espera de ver surgir, de um momento para o outro, dois luzeiros coruscantes a alguns metros de distância. A alguns metros? E se fosse logo ali, junto deles? A fera podia não vir em correrias mas sim com pêzinhos mansos, deslizantes, sem o mais leve barulho e, de repente... Jesus! aparecer-lhes a uns palmos do rosto com os tais olhos fosforescentes e sentirem logo de seguida, sobre eles, o bafo escaldante e podre de umas goelas sófregas... «As latas! Às latas!» Para que as traziam eles senão para afugentar as feras, o silêncio e o escuro? Mas aí! Quando o medo era mesmo como uma garra a estrefegá-los, não tinham sequer coragem de começar a tocar nas latas, que tinham trazido de propósito para aquilo... Então eles haviam de pôr-se a fazer uma traquinada, ali, num pinheiral solitário, sem a presença de nenhuma outra criatura humana? Vinha-lhes à ideia que, assim, não iam espantar os medos mas antes fazer levantar e aparecer, bem concreta e visível, a multidão de espectros e de seres que até aí, no silêncio e na escuridão, sòmente num rumor vago e incerto e em movimentos breves e discretos, se atreviam a fazer-se adivinhar... Mas era preciso! Era preciso! E vai, os rapazes levantavam os ferros e batiam as primeiras pancadas: um barulho choco saía das panelas velhas, espalhava-se uns metros ao redor mas extinguiu-se logo, sem um eco. Era como se a profundidade da noite e do silêncio abrisse uma boca imensa e engolisse os sons de um trago, abafando-os no seu bojo fundo! Os rapazes quedavam-se uns instantes: escutavam o barulho das panelas, notavam a insignificância daqueles sons perante a grandeza do negrume silencioso e vinha-lhes então o sentimento de terem cometido uma profanação, ao mesmo tempo que acabavam por se achar mesquinhos, desprotegidos e ridículos quase — criaturas diferentes e aberrantes — num mundo ignoto e hostil!

(Continua no próximo número)

A. Soucasaux

A fotografura publicada na página 2 de A. Soucasaux é tirada de uma escultura do artista barcelense António Carlos

“RUMOS”

Alguns comentários do etnógrafo espanhol Eng. Francis Gutton:

«Le ruego a Vd excusarme contestar ten tardo a su delicada atencion de enviarme su libro de poemas «RUMOS».

He comunicado su obra a un amigo mio mas conocedor del idioma, y su opinion, como la mia, es que, sobre un fondo de tristeza, — muy justificada por las desgracias que pesan sobre los seres humanos, — ha sabido Vd crear un ambiente de lirismo conmovedor.

Quizas puede ser ele alma de los poetas la unica capaz de dar a los sufrimientos el poder de vencerlos, despertando en los corazones el sentido de la fraternidad y el amor, lo que, en sus versos, ha sabido Vd muy bien interpretar.

Le felicito muy sinceramente por su obra, rica de mucha personalidad, llena de compasion sincera, y, a pesar de lo que contiene de desesperado, fuerte de energia. De ella nace la confianza en una posibilidad del ser humano para poder superar a la fatalidad, por el medio de una esperanza bien arraigada en mas justicia y en mas bondad.

Deseo mucho exito a sus poemas.

Considerame Vd como su buen amigo, que le saluda atentamente

F. Gullon >

Jerónimo Fernandes

No próximo número referir-nos-emos à exposição do pintor



Original

Por tardiamente nos ser entregue algum, não o publicamos neste número

« M E D O »

Com a devida vénia transcrevemos da «Vértice» de Março/56 o trabalho literário «M E D O» da autoria de Natália Nunes.

Como se trata de um trabalho de interesse geral resolvemos dar-lhe a publicidade merecida, inteirados do agrado colectivo,

S A M E T I L

O medicamento indicado para inúmeras doenças da pele. Este medicamento, criteriosamente estudado, ocupa um lugar de relevo nos medicamentos deste século. Por estas razões os médicos inteligentes sabem indicá-lo.

Cantinho do Oquei em Patins

(Continuação da página 5)

nas como um espectáculo, mas também, e fundamentalmente, como um desporto, com as suas regras e os seus problemas de ordem técnica e tática.

É que na verdade nota-se, e com uma certa tristeza o que dizemos, que o espectador aprecia mais um lance em que as qualidades natas dum atleta são postas à prova, do que uma jogada estudada ou um lance de inteligência. E poucos reparam que esse lance individual não representa trabalho nem estudo, pois em geral, trata-se, digamos, de um movimento inato.

Mas não é só neste género de pormenores. Se perguntarmos a um adepto, mesmo dos mais ferrenhos, o que é o oquei em patins, como veio até nós, e quando veio, veremos que, dum modo geral, a ignorância é absoluta.

— pois este o nosso fim. Ajudar a compreender melhor o oquei em patins, para bem do público e para o progresso do Desporto.

(Continua no próximo número)

N. R. — E com a maior satisfação que começamos a publicar uma série de palestras, da autoria de Fernando Ranito, já lidas ao microfone de Rádio Clube Português.

Têm interessado a todos os desportistas e em especial, aos adeptos do oquei em patins. De verdade, quem com tanta clareza e simplicidade, trás até nós, problemas técnicos e táticos ou simplesmente crónicas, merece atenção.

O artigo que apresentamos este mês, é já original escrito há 2 anos, no entanto, o assunto é tanto de ontem, como de hoje.

«Boletim Social da TEBE» agradece e espera continuar a dever a Fernando Ranito o favor da sua colaboração.



Dirigida por Waldemar Esteves

Portugal e a Taça das Nações em Oquei em Patins

TERMINADA que foi a conquista da Taça das Nações instituída por um amigo do oquei patinado suíço, conquistada pelo nosso País, não quiseram os dirigentes da modalidade deixar de marcar uma posição adequada à supremacia do nosso desporto.

Assim, ofereceram uma Taça para ser disputada nos mesmos moldes da anterior, à qual foi dado o nome de « Lusitânia ».

A primeira competição a contar para a conquista desta Taça, realizou-se no mesmo local das anteriores ou seja em Montreux, no período da Páscoa deste ano de 1957.

Portugal concorreu, como não podia deixar de ser, ao lado de mais 7 nações — Espanha, Alemanha, Bélgica, Holanda, Itália, Inglaterra e Suíça.

A posição de Portugal era ingrata como detentor do título de campeão do Mundo e ainda como conquistador da Taça anterior.

Mas, confiados sempre na boa estrela, os nossos oquistas partiram para Montreux, na disposição de fazerem uma figura brilhante, se possível inscrevendo o nome de Portugal na placa que a rodeia, pela primeira vez.

Tal, porém, não se verificou, não por falta de espírito de luta ou de qualidade do desporto, sim por manifesta falta de « chance », tal o decorrer da competição no-lo demonstrou.

O empate com a forte equipa da Espanha, foi talvez a pedra de toque desta interessante competição, pela qual a equipa da nação vizinha, mercê do seu melhor « goal-average », viu o seu nome inscrito na referida Taça. Portugal ficou com o mesmo número de pontos, em nada inferiorizado, relativamente ao primeiro classificado.

Quanto a nós um desafio de desempate, seria o fecho brilhante da Taça « Lusitânia ». Mas...

Preparemo-nos para o desenrolar do Campeonato da Europa, que se realiza em Barcelona, com princípio em 26 do próximo mês de Maio.

CAMPEONATO DE JÚNIORES

Está já organizado, com calendário feito, o Campeonato Regional do Sul. Ao que nos consta, no Minho, ainda não se pensa nisso. Não admira, porquanto a falta de Rinkes cobertos, leva-nos a começar a época, quando a Taça de Honra do Sul já terminou.

Noticiário

Começou, em Viana do Castelo, no dia 24 do corrente, a disputar-se a Taça de Honra do Minho concorrendo as seguintes equipas: Académico de Braga, Clube Desportivo da TEBE, Famalicense, Sport C. Vianense, Vitória de Guimarães e Vitória de Barcelinhos.

O sorteio deu a seguinte organização de calendário:

1.ª Jornada (dia 24/4)

V. Guimarães — V. de Barcelinhos
S. C. Vianense — Acad. de Braga
C. D. da TEBE — Famalicense

2.ª Jornada (dia 27/4)

Acad. de Braga — C. D. da TEBE
V. Barcelinhos — S. C. Vianense
Famalicense — V. de Guimarães

3.ª Jornada (dia 1/5)

C. D. da TEBE — V. de Barcelinhos
S. C. Vianense — V. de Guimarães
Acad. de Braga — Famalicense

4.ª Jornada (dia 4/5)

V. Barcelinhos — Acad. de Braga
Famalicense — S. C. Vianense
V. Guimarães — C. D. da TEBE

5.ª Jornada (dia 8/5)

Acad. de Braga — V. Guimarães
C. D. da TEBE — S. C. Vianense
V. Barcelinhos — Famalicense

Todos estes jogos realizam-se à noite, com começo às 21 horas.

CANTINHO DO OQUEI EM PATINS

Por FERNANDO RANITO

○ desenvolvimento que o oquei em patins adquiriu nestes últimos tempos, em função das suas excelentes vitórias no campo internacional, grangeou-lhe rapidamente uma multidão de simpatizantes, que o tornou, dum dia para o outro, senhor duma popularidade que só pode ser comparada com a que desfruta o futebol.

Este fenómeno deve-se, não só às citadas vitórias, como também à sua beleza espectacular e, o que é mais importante, à sua diferença absoluta dos outros desportos. E esta diferença verifica-se facilmente ao observar o público que assiste a um jogo de oquei em patins; é que enquanto que nos outros campos desporti-

FUTEBOL

Não foi feliz o Gil Vicente com o sorteio da Taça de Portugal.

Nos jogos com o Torreense foi infeliz na concretização das jogadas apesar da boa exibição no meio do terreno.

vos, a presença da mulher é quase nula, aqui ela impõe-se até pelo entusiasmo com que segue o desenrolar do jogo. Ora, se o oquei em patins não possuísse algo de diferente aos outros desportos, tal fenómeno não se compreenderia.

Quer dizer, aplicando uma expressão brasileira: todo o mundo se sentiu conquistado por este desporto. E daqui se tira o maior elogio para ele. No entanto, toda esta simpatia geral criou um problema: a natural ignorância do que é o oquei em patins e de quais são os seus fundamentos básicos. Não que para se admirar este desporto seja fundamental conhecê-lo profundamente, pois a espectacularidade de que se reveste, a emoção quase constante e a variedade dos lances, suprimem esse conhecimento aos comodistas. É evidente que se pode assistir a um filme sem conhecer absolutamente nada de cinema, procurando apenas distracção e plhando apenas para o espectáculo, embora isto seja uma parte do que se compõe o cinema. No fim, procedendo desta forma, só se aprecia, para aí, um terço do espectáculo; a parte técnica passou em branco.

Com isto quer-se pôr em relevo a necessidade, de o público que se interessa pelo oquei em patins, adquirir os tais fundamentos básicos de que falamos, não só para poder apreciar na íntegra este desporto, como até para ajudar o seu progresso. E dizemos isto porque o factor que mais proveitosamente contribui para o progresso do desporto, é um público, entusiasta, sim, mas acima de tudo sabedor.

Como uma grande parte dessa multidão não conhece o oquei em patins « por dentro », digamos pela razão de não ter possibilidades disso, procuraremos, dentro da medida do possível utilizar esta breve conversa mensal para ajudarmos a dissipar dúvidas e a ajudar igualmente a ganhar os conhecimentos que consideramos essenciais.

Claro que não iremos fazer um tratado sobre oquei em patins, daqueles cheios de nomes esquisitos e de noções complicadas. Não iremos igualmente, levar as coisas ao extremo de desejaros que todo o apaixonado de oquei em patins seja um técnico especializado da modalidade. Nada disso! Agora o que queremos é que cada um adquira os conhecimentos suficientes para encarar o oquei em patins; não ape-

(Continua na página 4)



Por JAIME FERREIRA

(Continuação do número anterior)

1953/1954 — Novos elementos

Em 17 de Maio de 1953, renovaram a sua promessa solene na Igreja Matriz, os seguintes dirigentes do C. N. E. do Núcleo de Barcelos:

Chefe — Dr. Manuel Faria; Secretário — António Tavares Fernandes; Assistente — P.º Agostinho Correia de Azevedo; Instrutor — António de Araújo. Fizaram a sua promessa 10 novos escuteiros.

Em 1954, a 25 de Abril, com a mesma direcção acima mencionada, excepção do instrutor que foi substituído pelo Snr. João de Macedo Correia, fizeram a promessa solene na Igreja Matriz 12 elementos novos.

Neste biénio desenvolveram-se as seguintes actividades: Acampamentos 9 — Bivaches 4 — Visitas de estudo 3 — Peregrinações 3 — Procissões 5 — Festas organizadas pela unidade 2 — Festas religiosas 11 — Concentrações 4 — Provas de classe: de 3.ª — 20, de 2.ª — 8; Concursos entre patrulhas 6 — Acampamentos: de verão — no Pinhal do Camarido em 1953 e em Darque, na Quinta de S. Lourenço em 1954.

Tomaram parte na inauguração do Monumento ao Bombeiro Voluntário e nas comemorações do centenário do nascimento de D. António Barroso.

1955/1956

A direcção do Grupo n.º 13 de Barcelos continua a mesma do biénio anterior, tendo feito a promessa solene na Igreja Matriz, em 3 de Abril de 1955, 6 novos escutas.

Neste ano fizeram-se 7 acampamentos — 2 bivaches — 2 visitas de estudo. Tomaram parte em 2 procissões e 6 festas religiosas; organizaram 2 festas — 1 concentração escutista e fizeram provas de classe: de 3.ª 6 elementos, de 2.ª 6. Houve 4 concursos entre patrulha e organizaram ainda 2 espectáculos com a Festa da Rádio.

Em 1956 a promessa feita a 23 de Abril na Igreja Matriz, por 3 novos escuteiros. Realizaram as seguintes actividades: 6 acampamentos — 3 bivaches — 1 visita de estudo — 2 pro-

cissões — 4 festas organizadas pela unidade — 7 festas religiosas — 1 concentração nacional — 2 sessões de cinema — 1 espectáculo da rádio — 1 de teatro — 4 concursos entre patrulhas.

10.º Acampamento Nacional em Avintes (Porto)

De 17 a 27 de Agosto de 1956, realizou-se em Avintes o X Acampamento Nacional do C. N. E.

O Grupo de Barcelos, envicou os seguintes elementos: *Chefe da Delegação*: Dr. Manuel Faria; *Chefe de caminheiros*: Ilídio Eurico Gomes; *Serviços auxiliares*: caminheiros Custódio Coutada e Joaquim Calás de Carvalho; *Escuteiros*: António Ramiro Barbosa, Fernando Moreira, Fernando Macedo Correia, Belarmino Coutinho, António Coutada, Rui Zélis, Manuel Arnaldo Gomes, Adélio Macedo Correia, Francisco Serra, Eduardo Encarnação, José Pedro L. Reis, Adalberto Neiva de Oliveira, Jorge Silva Barbosa, Arlindo da Costa Rodrigues, Mário Vieira de Queirós, Epifânio da Silva Carvalho, Viriato Lusitano A. Ferreira, Daniel da Silva, António Filipe, Jaime Manuel Ferreira; *Caminheiros*: José Gomes de Faria, Francisco Faria, Rui Baptista da Silva, Carlos Januário Pereira, Manuel Pias, Armando Machado.

Realizaram-se no decurso deste acampamento excursões ao Porto, Leixões, Foz do Douro e ao Rio Sousa, em Valbom — Gondomar. Tomaram parte em diversos jogos e visitaram as caves do vinho do Porto «Ferreirinha». Destacaram-se nos jogos e concursos, fogos de conselho e nas missas campais. Estiveram presentes escuteiros ingleses, espanhóis, franceses, dinamarqueses, suecos e uma delegação de Gibraltar.

Este acampamento constituiu uma grandiosa manifestação do movimento escutista em Portugal.

Os chefes principais, de cuja organização faz parte o chefe do Grupo n.º 13, de Barcelos, Dr. Manuel Faria, destacaram-se em promover actividades e jogos, sob a orientação deste destacado elemento do C. N. E.

Barcelenses na Índia

(Continuação da página 1)

Surge-nos também um «Duarte do Rego, escudeiro, igualmente de Barcelos».

Não encontramos o nome dos seus pais; mas sabemos que partiu em 1532.

«Gaspar da Costa, de Barcelos, filho de Pedro da Costa e de Maria Barbosa, foi em 1550».

«Henrique Pinheiro, moço da câmara, filho de Francisco Lopes Pinheiro, morador em Barcelos, foi para Malaca em 1591».

«João de Barros, escudeiro, de 30 anos, filho de Aires Pinto e de Ana de Barros, do termo de Barcelos, foi em 1563 na Nau Graça».

«Pero de Magalhães, de 19 anos de idade, pleno de força e de bravura, filho de Gil de Magalhães e de Brites Pereira, partiu para a Índia, em 1542, e tomou assento na Nau Graça».

E a fechar a série dos bravos que partiram, vamos dar ainda mais dois nomes:

«Sebastião de Sá, natural de Barcelos ou seu termo, escudeiro, filho de Marçal de Sá e de Brites Afonso. Partiu para a Índia em 1533», o último que conhecemos (é provável que existam outros nomes gloriosos) é Simão Barbosa, também escudeiro, na flor da idade, apenas 18 anos, era filho de Pero Barbosa e de Maria Cortês». Era natural de Barcelos e tomou lugar na Nau Galega seguindo rota no ano de 1553.

Curso da D. C. I.

Na sede do Grupo, realizou-se um curso da Defesa Civil do Território de 4 a 27 de Abril de 1956, a ele tendo concorrido grande número de elementos escutistas e simpatizantes da patriótica organização que é a Legião Portuguesa.

Inauguração da nova Sede

Deixamos para o final desta resenha, sobre o que foram as actividades do Grupo n.º 13, desde 1925 até 1956, a inauguração da sede própria do Grupo n.º 13 de Barcelos, por ela significar o mais elevado anseio de qualquer mortal.

Uma aspiração justa e socialmente aceitável pelo que ela traz de independência.

Pois, foi graças aos esforços e à persistência do seu Chefe de Grupo, o Ex.º Sr. Dr. Manuel Faria que foi possível construir um prédio que, muito embora não preencha ainda as necessidades de um Agrupamento de escuteiros, — lobitos, exploradores e caminheiros —, transformou em realidade alguma coisa de muito útil, não só para a unidade, como até para a própria vida da cidade.

Foi em 26 de Fevereiro de 1956 que, com a presença das autoridades locais, sob a presidência do Assistente e Secretário Regional de Braga do C. N. E., este apreciável melhoramento foi inaugurado. Hasteou-se a bandeira de S. Jorge, celebrou missa o Rev. P.º Américo Ferreira Alves, que igualmente procedeu à bênção da nova sede.

(Continua na página 3)



Um trecho de Barcelos antigo